

Complexidade e documento: a hibridação das mediações nas áreas em ruptura

DOI: 10.3395/reciis.v3i3.274pt



Viviane Couzinet

Laboratório de estudos e de pesquisas aplicadas em ciências sociais, Universidade de Toulouse, Toulouse, França
viviane.couzinet@iut-tlse3.fr

Resumo

De forma complementar à comunicação entre pesquisadores e a vulgarização da ciência, abre-se uma terceira via à comunicação científica, qual seja, as trocas que se estabelecem entre profissionais e pesquisadores. Nessa zona de trocas muitas vezes considerada como zona de ruptura, o grupo de pesquisa em ciência da informação da Universidade de Toulouse (França), analisa as hibridações que se constituem nessas mediações. Esse posicionamento permite analisar numerosos fenômenos e retornar à definição do documento como construto social.

Palavras-chave

mediação híbrida; comunicação científica; cultura da informação; documento; compartilhamento dos saberes

Introdução

Inúmeros trabalhos de pesquisa, na França, tratam da comunicação científica. Contudo, centralizam-se, fundamentalmente, nas trocas no âmbito dos pesquisadores, sejam elas conduzidas na sociologia ou nas ciências da informação e da comunicação. A comunicação fora deste mundo apresenta uma ruptura no modelo de troca. Com efeito, as revistas, os livros que circulam no mundo da pesquisa são inacessíveis ao grande público. O conteúdo e a forma da escrita apresentam-se como um estrangeiro (BOURE, 1995). Existiriam, pois, dois mundos bastante separados. Contudo, há obras que mostram a possibilidade de haver um *continuum* e determinados pesquisadores acertam o passo e caminham em direção ao grande público (VERON, 1997; JACOBI, 1999). A formação profissional de alto nível nas universidades francesas, porém, conduz os

pesquisadores a aproximar-se dos profissionais. Seja para preparar os cursos, localizar estágios em empresas, para assegurar formações contínuas, esta proximidade torna-se cada vez maior. De forma especial, os documentalistas empregados em laboratórios, de maneira muito natural, são conduzidos ao contato com pesquisadores e a compartilhar, pelo menos parcialmente, suas formas de comunicação. Assim, a ruptura entre esses dois mundos parece menos forte que nos demais setores. Existiriam, portanto, transições entre a área bem delimitada da pesquisa e a das profissões? Como elas seriam estabelecidas?

É para compreender a impermeabilidade entre essas duas áreas, mas também as porosidades, que tentamos explorar o que ocorre de cada lado dessa ruptura. Assim fazendo, abrimos um conjunto de trabalhos de pesquisa que levou uma equipe de jovens pesquisadores e de

doutorandos, a entrar na complexidade dos suportes utilizados nessas trocas. Esta postura de explorador de áreas de ruptura despertou-nos o interesse pelas formas de mediações, colocadas como intermediárias entre produtor de conhecimento e usuário. Rapidamente elas revelaram-se em suas hibridações e sua complexidade e impuseram traçar uma terceira via de comunicação científica. A riqueza do desenvolvimento desta abordagem é reintegrada em pesquisas que, embora possam parecer mais clássicas, sobre a organização dos conhecimentos e a cultura da informação, parecem-nos renovadas. Estas investigações conduzem, enfim, a colocar de forma mais clara, o conceito de documento.

Mediação e formas de hibridações Comunicação entre pesquisadores e disseminação científica

A comunicação sobre as pesquisas é parte integrante do trabalho do pesquisador. Trata-se principalmente de permitir aos demais cientistas, o conhecimentos dos trabalhos que antecederam aos deles. Trata-se também, de proteger os avanços da ciência, pois a publicação determina a propriedade. Admite-se igualmente que a publicação permita atribuir aos autores o benefício de sua criatividade e de sua produção, o que os faz progredir em sua carreira.

O campo científico é, de fato, o espaço das relações entre posições adquiridas, onde a capacidade inovadora contribui para o poder social (BOURDIEU, 1975). A autoridade se constrói através das publicações, muito especialmente nos suportes mais seletivos que, de maneira geral, são também os de maior prestígio (BOURDIEU, 1997). Esta forma de comunicação científica recebe a designação de “comunicação entre pesquisadores” (BOURE, 1995) ou “comunicação endógena intradisciplinar” (VERON, 1997). Ela foi trabalhada no âmbito do *Laboratoire d'études et de recherches appliquées en sciences sociales* (LERASS, Universidade Paul Sabatier em Toulouse) por um grupo, reunido em torno de Robert Boure, dando origem a inúmeros artigos. Desta maneira a revista foi então estudada como suporte de mediação científica do ponto de vista de sua definição (BOURE, 1995), das suas evoluções, com a passagem do suporte impresso para o suporte eletrônico, tanto nas consequências que esta mudança técnica induz nos modos de acesso aos conteúdos (COURBIÈRES, 1997) como nos modos de elaboração desses últimos (COUZINET, 1999). Alguns pesquisadores, em outros laboratórios, estudaram disciplinas específicas, como por exemplo, matemática e informática (RENZETTI & TÉTU, 1995). E, ressalta-se que foram desenvolvidos trabalhos sobre os usos das revistas por públicos específicos, e podemos citar como exemplo, os que tratam dos doutorandos (COUZINET & BOUZON, 1997) ou dos engenheiros (BÉGAULT, 2007).

Esses diversos trabalhos, que se situam alinhados pela definição da comunicação científica proposta pelo *Dictionnaire encyclopédique des sciences de l'information et de la communication* (LAMIZET & SILEM, 1997) fazem, como este, abstração da intervenção dos pesquisadores

em uma esfera social ampliada às pessoas que pertencem a um mundo diferente. Demarcam uma fronteira entre o mundo social e a sociedade fechada dos pesquisadores. Outra corrente que começou a se desenvolver nos anos 1980, partiu da seguinte questão: por que determinados pesquisadores também se arriscam em disseminar mais amplamente a ciência? Esta questão se fundamenta na ausência de ruptura e ao contrário, em um *continuum* entre pesquisa e vulgarização, considerada até então, como campo dos jornalistas. Os trabalhos sobre estes intermediários, entre o pesquisador e o leitor, fizeram emergir, na sociologia da cultura, o paradigma do “terceiro homem”, percebido como intermediário natural e essencial encarregado de “preencher a lacuna entre os cientistas e o grande público, a fim de restabelecer a comunicação rompida” (JACOBI & SCHIELE, 1988).

A multiplicação dos destinatários dotados de níveis e práticas culturais diferentes daquelas dos pesquisadores pressupõe uma reescrita que pode parecer pouco familiar aos cientistas. A difusão das descobertas e suas possíveis aplicações, inscreve-se na manutenção dos conhecimentos adquiridos durante a escolaridade e no desenvolvimento da capacidade de tomar decisões. Ela introduz a problemática do compartilhamento dos saberes. Um conjunto de pesquisas realizadas por Daniel Jacobi (atualmente professor e pesquisador na Universidade de Avignon) mostra que esta parte do trabalho do pesquisador é pouco considerada no desenvolvimento da sua carreira. Ele se interessa por outra forma de reconhecimento. Isto o leva a distinguir níveis de recepção, de uso e de formas de acumulação do capital simbólico (JACOBI, 1999).

Suas pesquisas revelam a multiplicidade dos atores, tanto na qualidade de autores como dos receptores. Colocando a hipótese da continuidade das práticas de sociodifusão e ao integrar os conteúdos, situam a vulgarização na comunicação científica e, de maneira mais ampla, nas ciências da informação e da comunicação. Uma síntese de diversos trabalhos, a partir da questão do compartilhamento dos saberes, foi proposta por Yves Jeanneret, em 2003.

Mediações híbridas

A maneira de comunicar a ciência construída no mundo da pesquisa, pode, portanto, se revestir de pelo menos duas formas. Uma delas destina-se aos pares, a outra e destinada a mundos diversos, que vão do grande público ao público que possui um determinado nível cultural. A essas duas vias, nos pareceu pertinente acrescentar, uma terceira. Trata-se de uma posição intermediária entre o grande público e o mundo da pesquisa. Ela não pertence a nenhum dos dois, mas, estabelece um vínculo, entre eles. O mundo profissional, quer pertença ao setor privado ou ao setor público, é, na realidade, o ponto de encontro daqueles que podemos designar de “especialistas”. O exercício de uma profissão está estreitamente ligado aos saberes construídos na esfera acadêmica. O exercício da pesquisa é cada vez mais dependente das aplicações, como também dos marcos de reflexão, que possa es-

tabelecer para a indústria, o ensino ou as instituições. Como se estabelece este vínculo? Foi para responder a esta pergunta que se realizaram pesquisas no LERASS, no interior de uma equipe que tomou como tema as mediações especializadas (*Médiations en information et communication spécialisées*).

O primeiro campo de observação foi o da informação-documentação. A revista de uma associação profissional reconhecida, *l'Association française des professionnels de l'information et de la documentation*, ADBS, os livros editados, as relações estabelecidas com os pesquisadores e o ensino universitário foram sistematicamente analisados por um período de 35 anos. As pesquisas permitiram clarear o processo complexo das trocas, que se revelam multidirecionais. Ao contrário da vulgarização, as trocas acontecem dos pesquisadores em direção aos profissionais e vice-versa. O suporte é mútuo, porém fluante, dependente da força das redes construídas e dos atores. Os suportes utilizados são múltiplos: edição de livros, organização de seminários em comum, pedidos de expertises, animação de mesas redondas, contribuição à formação permanente ou publicação de artigos. A base de entendimento fundamenta-se na compreensão mútua: os artigos dos professores pesquisadores são revisados por seus pares e as publicações devem contribuir para elevar o nível de competências dos profissionais e, desta maneira, elevá-lo ao alto nível de qualificação esperada da profissão (COUZINET, 2000). Se as interações são numerosas, elas se situam também no âmago da problemática das referências de lugar ocupado por cada um dos parceiros. As observações mostram, de fato, que os profissionais adotam progressivamente as normas de escrita da ciência. Os cientistas trabalham para que suas publicações se tornem legíveis para todos os especialistas. As hibridações aparecem. É necessário, para compreender corretamente como se operam essas hibridações, que os mundos em questão, são diferentes. É, pois, inevitável aprofundar os conhecimentos possíveis de se ter de um e de outro, para evitar análises e interpretações que fiquem muito na superfície das situações observadas (COUZINET, 2003).

Estas investigações conduzem a indagarmos sobre a comunicação científica. Seria possível reduzi-la à comunicação entre pesquisadores? Parece-nos, em decorrência destas pesquisas, que não se pode circunscrevê-la ao mundo da ciência, pois ela deixaria de lado as formas de difusão dos saberes em toda sua complexidade. Trata-se, portanto de considerar também o contexto social, como as tensões que o povoam, parece-nos necessário introduzir a noção de mediação, para afirmar o papel intermediário da escrita e do suporte. É possível então incluir a comunicação científica em um campo mais vasto, compreendendo, assim, a vulgarização e as hibridações. Este campo, dedicado às mediações especializadas, nos leva a posicionar as nossas pesquisas em áreas fronteiriças, onde as interações entre mundos diferentes vão se tornando cada vez mais complexas. Possibilitam igualmente, ao mesmo tempo em que conservam o olhar voltado para as ciências da informação, cruzá-lo com o das ciências da comunicação.

Complexidade e partilha dos saberes Organização dos conhecimentos

A equipe MICS, assim, trabalhou as mediações como resultado das trocas entre grupos profissionais e grupos de pesquisadores. Colocada como terceira via à comunicação científica, esta postura, que tem por objetivo o estudo do espaço de troca entre práticas profissionais diferentes e que a especialidade aproxima como espaço de construção de conhecimentos, tomou como ponto de partida a observação das interações entre documentalistas e pesquisadores em ciências da informação (COUZINET, 2008). Pouco a pouco, outros grupos profissionais foram também observados pelos membros da equipe e pelos doutorandos, como os bibliotecários, os artistas, os químicos, os arquitetos, os conservadores do patrimônio, os arqueólogos... o que levou a estender os trabalhos para outras problemáticas e a construir objetos de pesquisa que se situam na confluência da informação com a comunicação. Esta postura se revelou especialmente fértil, para lançar um olhar original à comunicação científica e inscrever fortemente as pesquisas, muitas vezes consideradas relevantes apenas para as ciências da informação, na disciplina acadêmica de ligação, as ciências da informação e da comunicação, tal como ela existe na França.

Neste alinhamento, a equipe não se limita mais ao estudo das trocas entre os profissionais e pesquisadores ou à comunicação científica. Ampliou seus domínios de investigação e dirige seu olhar para as formas de mediação em situações cujos contextos se diferenciam e até mesmo se opõem. Ela se concentra na maneira segundo a qual, para facilitar a mediação, realiza-se o dos saberes. É, pois, levada a estudar de forma aprofundada, os campos que ela irá confrontar. O objeto de pesquisa se constrói no âmbito desta confrontação, para se compreender até onde pode ser levantada a fronteira que os separa.

A equipe MICS propôs, então, uma abordagem das representações da organização dos conhecimentos, veiculados por instrumentos como classificações e tesouros. Em vez de considerá-los simples ferramentas de gestão dos fundos documentários ou de acesso à informação, voltou-se para a mensagem que eles transportam, para as posições que revelam e para a influência que, assim, podem exercer sobre os usuários. A análise de sua composição mostra uma hibridação do projeto de origem com aspectos sociais e políticos como, por exemplo, a vontade de veicular idéias pacifistas (COURBIÈRES & COUZINET, 2006). Os aspectos de gestão confrontados com os aspectos comunicacionais trazem um novo olhar a essas ferramentas.

A equipe também estudou a maneira como o usuário é guiado no espaço documental. Combinando literatura, imaginário e instrumento de indexação, a organização espacial dos documentos possibilita o encaminhamento intelectual (FABRE & COUZINET, 2008). Ademais, a técnica utilizada pelos pesquisadores para construir uma linguagem documentária pode permitir a visibilidade dos contornos de uma disciplina em construção (COUZINET, 2008). Podemos ainda acrescentar, como demonstra uma

pesquisa em curso realizada por Caroline Courbières, que os instrumentos que organizam os conhecimentos podem veicular estereótipos que reflitam espaços sociais, como também vir a participar da construção dos mesmos e até mesmo evidenciá-los.

Finalmente os instrumentos de organização dos saberes utilizados nas bibliotecas e nos centros de documentação são os suportes de mediação nos quais o projeto gestor torna-se mais ou menos híbrido com outros projetos com a aquiescência de seus autores ou das sociedades que os produzem.

Cultura de informação

A pesquisa empreendida sobre a comunicação científica entre os documentalistas e os pesquisadores gerou a continuidade do aprofundamento do conhecimento do mundo profissional. Na França os bibliotecários são, habitualmente, encarregados das bibliotecas generalistas e públicas vinculadas essencialmente ao Ministério da Cultura. Os documentalistas trabalham em setores de pesquisa científica ou da indústria e, freqüentemente, em organizações privadas. Também existe um corpo de professores documentalistas no ensino secundário.

Seria interessante verificar a proximidade profissional entre estes três grupos. Um estudo realizado em 2004, a partir das revistas que eles editavam, evidenciou a falta de reconhecimento das ciências da informação como disciplina de referência, por dois desses grupos, o dos bibliotecários e o dos professores documentalistas (RÉGIMBEAU & COUZINET, 2004). Outras pesquisas refletiram sobre a ausência de vínculo com a disciplina acadêmica e a identidade profissional entre os professores documentalistas (COUZINET, 2002; COUZINET & GARDIÈS, 2009). Ora, cada um desses três grupos participa da formação dos usuários. A questão que concerne então aos dois grupos envolvidos é a seguinte: como eles transmitem uma cultura da informação que eles próprios não têm? Esta pergunta é especialmente importante pelo fato que ela se depara com inúmeros trabalhos de pesquisadores sobre a “sociedade da informação”. Trata-se aqui de abordar as ciências da informação, disciplina colocada na primeira linha deste fenômeno mundial.

Se observarmos as diversas formações em vigor nos inúmeros países e as definições dadas podemos considerar que a preocupação essencial reside no acesso à informação. Este acesso é considerado em termos de máquinas disponíveis, de redes e de aprendizado dos procedimentos. Para além do equipamento e das técnicas ou da disponibilização da Internet de todas as informações existentes (KERR PINHEIRO et al., 2008), a equipe MICS e seus parceiros do grupo de pesquisa Educagro (Université de Toulouse, Ecole nationale de formation agronomique) puderam mostrar que era necessário para os educadores um bom conhecimento do campo científico da informação. Os trabalhos sobre a organização dos conhecimentos citados acima comprovam que é necessário compreender a informação como meio de poder e de influência, de integração social e de posicionamento pessoal. Isto per-

mitiu distinguir a “cultura informacional” da “cultura da informação” mais referenciada em teorias e inserida em uma disciplina científica reconhecida.

Estas pesquisas sobre a cultura da informação resultaram ainda no interesse de maior alcance pela comunicação cultural. A cultura aqui é vislumbrada em seus aspectos diversos. Como conciliar a cultura empresarial e a cultura acadêmica? É a situação em que se encontram os jovens doutorandos que obtiveram uma participação financeira da indústria para realizar seu trabalho de tese. A confrontação dessas duas culturas levou à realização de um memorial que vai possibilitar a mediação, aqui ainda híbrida, entre esses dois mundos. Este memorial deve corresponder tanto à demanda industrial, relativa a diagnósticos e aplicações, como à demanda acadêmica, que estabelece o nível de reflexão e de elaboração teórica necessário para obter o doutorado (MORILLON, 2008). É também a situação em que se chocam os estudantes estrangeiros para assimilar as normas da escrita de redação científica de outro país que não seja o seu próprio. Foram feitos trabalhos sobre as dificuldades que estudantes mexicanos encontraram na França. Eles apontaram as diferenças de interação com os orientadores de teses nos dois países e o desconhecimento dos códigos, muitas vezes, causas dos fracassos. Neste domínio da comunicação intercultural, a hibridação é um obstáculo ao sucesso universitário (CARIA, 2006).

Os materiais analisados, vetores das mediações, são materiais escritos ou imagens. Podem ser estudados separadamente, em uma primeira fase, a fim de se obter todas as informações necessárias à compreensão dos contextos apresentados. A segunda fase é a da confrontação das situações. A abordagem através das hibridações nas mediações pressupõe uma análise fina dos materiais. Se as entrevistas com quem concebeu estes materiais são freqüentemente necessárias, é ainda a análise dos documentos, o método dominante.

Em direção a uma teoria do documento

O retorno à noção de documento

A posição, que consideramos central nas ciências da informação, deste objeto concreto que é o documento, convida-nos a tê-lo prioritariamente para as nossas análises. Ele é de fato, o modo no qual a informação, o conteúdo, ganham forma no plano comunicacional e é, ao mesmo tempo, o suporte que possibilita a sua circulação.

Esta noção foi objeto de trabalhos bem conhecidos nas ciências da informação. Colocada por Otlet no seu *Tratado da documentação* ela foi revisitada e retrabalhada por Jean Meyriat, muito especialmente em um artigo que, na França, é considerado como o texto fundador da noção e que determina a sua dimensão comunicacional (MEYRIAT, 1981). Chegou mesmo a ser proposta uma ciência específica, a ciência do documento ou documentologia. Se, pelo menos na França, durante quase dez anos, o objeto “documento” inspirou poucas pesquisas, ele retomou o interesse dos pesquisadores com a genera-

lização das tecnologias da informação e da comunicação. No entanto, são essencialmente os aspectos técnicos ou os usos que, em grande parte, prendem a atenção.

De nossa parte, e no sentido de contribuir para a elaboração coletiva de uma teoria do documento, desejaríamos voltar a dimensionar igualmente continente e conteúdo. As pesquisas realizadas sobre hibridações nos levaram a refletir sobre um tipo de uso pouco estudado até então. Em vez de nos colocar a questão do usuário-leitor, colocamos a questão do usuário-conceptor. Chegamos assim à distinção elaborada por Jean Meyriat. O documento por intenção é aquele que serve para fixar acordos, extrair dados, o documento por atribuição é um suporte que contém informações, mas que foi fabricado com outra intenção. Na maioria das vezes, tratam-se de objetos materiais diversos, que guardam o registro de uma civilização, de uma arte de fazer ou de um uso preciso. Contudo, e aí está talvez o elemento essencial, não existe documento em si, ou então, para retomar a expressão utilizada por Jean Meyriat “ele está adormecido”. Para ativá-lo e lhe conferir a sua função de portador de um conteúdo informacional, é necessário questioná-lo. Assim a questão ou o interesse conferido ao documento, de alguma forma o desperta e o revela. A noção de informação muda, então. Deixa de se limitar a um conteúdo e se vincula a um processo, impulsionado pela vontade de se informar. Não existe documento a não ser ligado a essa vontade.

Se nos situamos na raiz, no momento da conceitualização do objeto que poderá se tornar documento, parece-nos necessário considerá-lo como o resultado de negociações. Escrito, objeto ou imagem, ele é socialmente construído e considera interesses ou posições diversas em contextos bem definidos. É então possível pensá-lo como resultado das mediações que ele dá forma e fixa sobre um suporte. Colocado entre duas situações, é testemunho das interações que o fizeram nascer. Assim, trabalhar sobre as hibridações nos levou a voltar à noção de documento e a nos interessar por sua capacidade de produzir indicadores e a esclarecer a complexidade das interações. O trabalho a partir de um material de pesquisa nos levou a nos interrogar sobre este material, sobre sua produtividade e sobre sua confiabilidade, comparando sua utilidade para as ciências da informação com a que ele possui na história (COUZINET, 2006).

Dispositivo e complexidade documental

A reflexão realizada sobre a conceitualização do documento contribui para lançar um olhar crítico sobre a sua utilização como material de pesquisa. Ela nos permite refletir sobre a construção do corpus que utilizamos, diversificá-los e colocar seus limites. Contudo, e talvez porque este objeto seja central em nossa disciplina, progressivamente ele nos convida a lhe dar um lugar importante em nossas pesquisas e a multiplicar as investigações. De fato, é possível estudá-lo como um dispositivo info-comunicacional que produz efeitos sobre os usuários. Desenvolveremos aqui dois aspectos que,

atualmente, prendem a nossa atenção, um circunscrito à problemática da construção de conhecimentos, outro situado no compartilhamento dos saberes.

No domínio da construção dos conhecimentos, prolongando um trabalho de tese, Patrick Fraysse centrou-se no patrimônio (FRAYSSE, 2006). Ele observou, em decorrência das pesquisas de Jean Davallon (2006), a maneira como o documento fabrica o patrimônio monumental. A partir de imagens de monumentos deslocados ou copiados, ele mostrou como se constrói um corpo de conhecimentos visando erguer um monumento, que pode parecer insignificante no status de obra patrimonial. O dispositivo info-comunicacional estabelece uma representação que pode ser desviada para fins específicos, como turísticos, em determinados casos estudados. No entanto, ela também participa da construção de referências culturais.

Josiane Senié-Demeurisse dirige seu interesse ao uso do documento pelos historiadores para construir a história (SENIÉ-DEMEURISSE, 2007). Um corpus de artigos de vulgarização que trata sobre temas da história da França que são muitas vezes retomados nas revistas de história lhe possibilita trabalhar a exploração do documento por pesquisadores e o uso renovado através dos disseminadores. Isto a leva a levantar a diferença entre material útil para a reconstrução do passado e a prova a serviço da demonstração de uma determinada verdade. Aqui o documento é o dispositivo cuja função se adapta à forma de comunicação científica e ao seu destinatário, pesquisador ou grande público.

No compartilhamento dos saberes, como na construção dos conhecimentos, o documento pode ser portador de várias categorias de sentidos e de funções. Se acrescentarmos sua própria construção e seu contexto de surgimento estaremos diante de um objeto material complexo, que convida a toda uma série de abordagens. Complementando, estudá-lo como material revelador das mediações, confirma a posição central de como devemos considerá-lo em nossa disciplina.

Conclusão

A terceira via proposta à comunicação científica e que permitiu elaborar, pelo menos em parte, o conceito de “mediação híbrida” revela-se como uma entrada que autoriza múltiplas investigações. Fundamentada por um conhecimento aprofundado e separado, em um primeiro momento, em zonas em rupturas que podem ser mundos, disciplinas, representações diferentes, ela necessita de trabalhos de pesquisa que se situem no longo prazo. A perspectiva comparativa e o estudo minucioso das resistências, das oposições, como também das passagens, inaugura a análise das hibridações em toda a complexidade de sua realização. O apoio sobre estudos documentais, de forma natural, convida à retomada da noção de documento e à tentativa de colaborar com a sua construção como conceito central da disciplina, sem negligenciar a necessidade de construí-lo pela crítica como material de análise.

Referências bibliográficas

- BEGAULT, B. Usages et pratiques de la publication électronique des résultats de la recherche. Le cas des sciences de l'ingénieur. Document numérique. Usages et numérique, 2007, v. 10, n. 3-4, p.47-61.
- BOURDIEU, P. La spécificité du champ scientifique et les conditions sociales du progrès de la raison, *Sociologie et sociétés*, 1975, v.VII, n. 1, p. 91-117.
- BOURDIEU, P. Les usages sociaux de la science: pour une sociologie clinique du champ scientifique, Paris, INRA éditions. 1997.
- BOURE, R. Le statut des revues dans la communication entre chercheurs. *Revue des revues*, 1995, n. 20.
- CARIA, M. Politiques de l'enseignement supérieur et communication scientifique interculturelle dans les universités. Le cas d'étudiants-chercheurs latino-américains en France. In : Etat, culture et communication, VIIIème colloque international Brésil France- Echirrolles, 29 et 30 septembre 2006. CDROM. 2006.
- COURBIERES, C. Nature et fonction de l'hypertexte dans les revues électroniques sur le Web: quand la structure fait signe. In: *Revue électronique de sciences humaines et sociales*, actes du séminaire annuel. Toulouse: Université Paul Sabatier-Lerass, 1997. v.5, p. 20-33.
- COURBIERES, C., COUZINET V. Du bleu horizon à l'horizon documentaire : représentation des connaissances à l'aube de la construction européenne, in Timini Ismail et Kovacs Susan, dir., *Indice, index, indexation*, actes du colloque international organisé par les laboratoires CERSATES et GERICO de l'Université Lille-3, Lille, 3 et 4 novembre 2005. Paris: ADBS Editions, 2006, p. 81-92.
- COUZINET V. La revue électronique de sciences humaines et sociales : éléments pour une définition. *RIST, Revue d'information scientifique et technique*, 1999, n.2, p. 119-32.
- COUZINET V. Médiations hybrides : le documentaliste et le chercheur en sciences de l'information, Paris: ADBS. 2000.
- COUZINET V. Teachers continuing professional education in information literacy : the case study of french secondary schools. In: *Continuing professional education for the information society*, Aberdeen (Scotland) Gordon University, August 14-16, Munich : K.G. Saur, p. 94-104. 2002.
- COUZINET V. 2003. Praticiens de l'information et chercheurs: parcours, terrains et étayages. *Documentaliste-Sciences de l'Information*, v.40, n.2, 2003, p. 118-125.
- COUZINET V. 2004. Le document: leçon d'histoire, leçon de méthode. *Communication et langages*, 2004, n.140, p. 19-29.
- COUZINET V. De l'usager à l'initié: vers une culture informationnelle partagée. In *Education à l'information et éducation aux sciences: quelles formes scolaires ? Actes des rencontres Toulouse Educagro 08*. Toulouse: Cepadues éditions, 2008a. p. 169-189.
- COUZINET V. Représenter, répertorier, transmettre: formes d'institutionnalisation d'une discipline. In *Médiations et usages des savoirs et de l'information: un dialogue France-Brésil*, R. M. Marteleto, I. Thiesen dir., actes du 1^{er} colloque du réseau MUSSI, Rio de Janeiro, 4-7 novembre. 2008b. p. 63-81.
- COUZINET V. Vers une « société du savoir » : approche ethno-informationnelle de la « culture de l'information ». *Analele stiintifice ale universitatii Alexandru Ioan Cuza din Iasi [Annales scientifiques de l'université de Iasi, Roumanie]*, Tome 1, 2008c. p.83-98.
- COUZINET V. De la communication scientifique à la médiation spécialisée : communication des savoirs et formes d'hybridations. In Papy F., dir., *Problématiques émergentes dans les sciences de l'information*. Paris: Hermès, Lavoisier, 2008d. p. 57-85.
- COUZINET V., BOUZON A. Usages et représentations de la revue scientifique électronique chez les doctorants. In: *Cap a la societat digital: un món en contínua transformació*, 6e journées catalanes de documentation, 23-25 octobre. Barcelone: Socadi, Cobdc, 1997. p. 391-403.
- COUZINET V., GARDIES C. L'ancrage en Sciences de l'information et de la communication des professeurs documentalistes: question de professionnalisation et d'identité. *Documentaliste-Sciences de l'information*, 2009. v.46, n. 2, p. 4-12.
- DAVALLON J. Le don du patrimoine: une approche communicationnelle de la patrimonialisation. Paris: Hermès, Lavoisier 2006.
- FABRE I., COUZINET V. Désir, curiosité, culture informationnelle : l'organisation des savoirs au cœur de l'histoire des idées. *Canadian journal of information and library science/Revue canadienne de science de l'information et de bibliothéconomie*, 2008. v. 32.
- FRAYSSE P. Le patrimoine monumental en images : des médiations informationnelles à la conversion monumentaire des documents, doctorat NR, sciences de l'information et de la communication, Université de Toulouse II. 2006.
- JACOBI D. La communication scientifique: discours, figures, modèles. Grenoble : Presses universitaires. 1999.
- JACOBI D., SCHIELE B. La vulgarisation scientifique : thèmes de recherche. In: *Vulgariser la science: le procès de l'ignorance*, Seyssel: Champ Vallon, 1988. p. 12-46.
- JEANNERET Y. Le partage des savoirs entre métamorphose des medias et poétique des discours, *Médiation et représentation des savoirs*, actes du colloque Partage des savoirs, Paris : L'Harmattan, 2004, p. 15-32.
- KERR PINHEIRO M., THIESEN I., COUZINET V., 2008. Choc informationnel et culture de l'information:

quelle formation à l'information? Sciences de la société, n.75, p. 141-158.

LAMIZET B., SILEM A. Dictionnaire encyclopédique des sciences de l'information et de la communication. Paris, Ellipses. 1997.

MEYRIAT J. Document, documentation, documentologie, Schéma et schématisation, 1981. n.14, p. 51-63.

MORILLON L. De l'idylle au détournement, quels apports des CIFRE en Sciences de l'Information et de la Communication ? In Les sciences de l'information et de la communication : affirmation et pluralité, Seizième congrès SFSIC, Compiègne, 11-13 juin, [en ligne] 2008. <http://www.sfsic.org/congres_2008/spip.php?article42>

REGIMBEAU G., COUZINET V. L'énonciation de la recherche en information-documentation : enjeux sociaux de la médiation des savoirs. In: Sciences et écritures, colloque, Université de Franche-Comté, 13-14 mai, CDROM. 2004.

RENZETTI F., TETU J.-F. Schéma d'organisation de la presse périodique électronique accessible sur l'Internet : cas des mathématiques et de l'informatique. In La communication de l'information scientifique et technique dans l'enseignement supérieur et la recherche: l'effet Renater/Internet, Maison des sciences de l'homme, Université de Bordeaux III, 16-18 mars 1995.

VERON E. Entre l'épistémologie et la communication. Hermès, 1997, n.21, p. 25-32. 

Sobre o autor

Viviane Couzinet

Viviane Couzinet é doutora em ciências da informação e da comunicação. Dirige o Laboratoire d'études et de recherches appliquées en sciences sociales (LERASS, EA 827) e a equipe Médiations en information et communication spécialisées (MICS) na Universidade de Toulouse 3- Paul Sabatier (França). Pesquisa sobre comunicação científica, epistemologia das ciências da informação e teoria do documento.